

Apresentação

Dossiê Temático

I Congresso Internacional do ELLAE: Ensinos Transgressivos, Aprendizagens Solidárias – Por uma Ecologia de Línguas-Literaturas-e-Linguagens

Desde ecologias da esperança – transgressões, travessias e transformações



As ecologias são nossos horizontes de vida. São campos energéticos de ação. São lugares de transformação. A esperança é nosso saber em construção. É caminhar sem resposta definitiva. É nossa aprendizagem tecida no movimento. Assim, tanto no plural (ecologias) quanto no singular (esperança), os dois substantivos nos desafiam a elaborar rotas solidárias que não buscam o ato de finalização do(s) (des)encontros entre línguas-literaturas-linguagens. Muito pelo contrário, convidam os(as) organizadores(as) deste dossiê a gesticular, balbuciar, performar e defender a potência da provocação como caminho dialógico e colaborativo para instanciar a força e a pertinência dos artigos deste volume.

Não por acaso, as sinergias dialógicas vislumbradas entre os escritos se encontram nas encruzilhadas das transgressões, travessias e transformações histórico-sociais-éticas-humanas-políticas-estéticas da pulsão teórico-metodológica de cada trabalho. Assim, enquanto

organizadores(as) cabe-nos instigar o ato de ler desses textos como um campo de provocação posicionado no transgredir, atravessar e transformar das memórias, identidades e vivências de cada leitor(a), desejando que esse(a) possa questionar, afrontar e reaprender a sentir as ecologias da esperança desenhadas tanto na superfície quanto no magma da argumentação dos trabalhos que integram esse dossiê.

Disto isto, precisamos, ainda, frisar que os dois volumes da Revista *The ESpecialist* trazem os trabalhos apresentados no *I Congresso Internacional do ELLAE - Ensinos transgressivos, aprendizagens solidárias - por uma ecologia de línguas-literaturas-e-linguagens*. O evento foi promovido pelo *Grupo de Pesquisa em Educação, Linguagens, Linguística Aplicada e Ensino – ELLAE*. Teve por objetivo a realização de conferências, mesas redondas, oficinas e minicursos, com a participação de pesquisadores integrantes do grupo e em parceria com outras instituições nacionais e internacionais.

O tema geral do evento foram *as ecologias das línguas-literaturas-e-linguagens*, um campo de pesquisa cuja cena investigativa apontou para o remapeamento das praxiologias da docência e discência, protagonizando outras alternativas para desenvolver os problemas, os objetivos, as hipóteses, as metodologias, as teorias e os resultados de pesquisas crítico-colaborativas, nas diferentes interfaces das línguas-literaturas-e-linguagens. Afinal, foram e são nas brechas do agenciamento epistemológico, assentado nas releituras, reescritas e reinterpretções do fazer pedagógico, intelectual e humano, que o evento explorou, ensaiou e potencializou a emergência de ecologias de línguas-literaturas-e-linguagens.

A saber, um modo de estudar, pesquisar, ensinar e aprender que aposta nas múltiplas redes de colaboração entre culturas, sociedades e decolonialidades para produzir outros gestos de intervenção capazes de transformar e transgredir as fronteiras da docência e discência. Por estar em constante movimento, essas ecologias do ato de ensinar e aprender transbordam toda tentativa monológica de dominação do outro e investem na agência ativa das línguas-literaturas-linguagens produzidas desde as gretas dos saberes decoloniais.

As ecologias das quais falamos nestes volumes se esboçaram, pois, no próprio exercício da conversa, do debate e da resistência sobre os jogos das línguas-literaturas-e-linguagens a partir de um lugar de enunciação decolonial. Ecologias, enfim, que aprofundam, dinamizam e esperanças

zonas de resistência onde realizamos as performances de línguas-literaturas-e-linguagens, por meio de nossas ecologias da docência e discência hoje.

Os artigos contidos nas edições da *The ESpecialist* são resultado de um evento híbrido pensado como uma oportunidade para praticar a decolonialidade dos saberes em perspectiva integrada. Ademais, nosso olhar crítico não pode esquecer que vivemos em uma era de globalização e os instrumentos digitais servem como uma forma de interação para além das fronteiras espaciais e temporais, que nos coloca em um movimento de superdiversidade (Vertovec, 2007) e estabelece relações em que os saberes acontecem de modo cada vez mais *glocal* (Kumaravadivelu, 2006).

Nessa perspectiva, os artigos propostos e distribuídos em dois volumes buscam “esperançar”, como diria Paulo Freire, e repensar ecologias de ensinos e aprendizagens que atuam na constelação da decolonialidade e reinterpretação de “brechas epistemológicas” para mapear as transformações dos saberes, vendo neles possibilidades de (re)tradução da experiência humana.

A relevância dos textos consiste, dentre outros aspectos, em desenvolver o problema das ecologias do ensino-aprendizagem das línguas-literaturas-linguagens. Isto é, são escritos que esboçam hipóteses de trabalho nas quais se verifica o ir além das fronteiras do saber linguístico, literário e linguageiro para questioná-los desde a complexidade transversal da docência-discência. Ao tecer as ecologias da esperança, portanto, sempre em processo, os artigos desta edição ensaiam modos de construir redes dialógicas pelas quais transitam a potência da dúvida, do questionamento e da agência ativa dos(as) autores(as).

Para desenvolver essa ecologia da esperança, nós, professores(as), pesquisadores(as), temos de defender nossa ideia e mostrar segurança sobre as propostas de ensino que desejamos construir, desconstruir, reconstruir, apresentar e realizar junto aos(as) estudantes. Não podemos silenciar o lugar de nossa atuação: isto é, docentes tanto da educação superior quanto do ensino básico. Precisamos reinscrever nosso olhar nas intersecções da experiência dos/as docentes que estão na licenciatura, ensino fundamental e médio. Essa reinscrição significa reaprendermos a potencializar os saberes, os imaginários e as estéticas dos povos marginalizados.

Realizar essa função requer assumirmos práticas epistemológicas, didáticas e pedagógicas que permitam reter, aprofundar e maximizar a figura dos(as) leitores(as) de textos, obras,

imagens, telas, discursos e linguagens nas quais se configuram as estratégias de empoderamento de vozes, corpos e memórias dissidentes em constante diálogo crítico com os dispositivos da colonialidade do saber, poder, fazer e ser.

Por isso, prezado(a), você encontrará, nos artigos dos dois volumes a serem publicados na The ESP, ensaios de uma ecologia da esperança que emerge da leitura, ação e colaboração com os(as) leitores (as) dos 27 textos produzidos por autores(as) oriundos (as) de diferentes geografias culturais. Essa heterogeneidade de perspectivas se revela na maximização do olhar decolonial, construído desde os diálogos intersemióticos, transgressivos e emancipadores.

Os campos teóricos articulados nos escritos são múltiplos. Não referendam a homogeneidade da abordagem das línguas-literaturas-linguagens. Ao contrário, cada horizonte epistemológico evocado nos artigos demonstra a prática da divergência e pertinência de enfoques distintos, traço fundamental ao exercício das ecologias da esperança. Ou seja, aprender a desaprender para aprender outros modos de compreender a realidade estética, social e humana atual.

Como caminho epistemológico, as ecologias da esperança praticadas pelos(as) autores(as) testemunham a urgência de aprofundar os debates e ações-colaborativas referenciadas para, de fato, promover a transformação de nossa *práxis* do ensino-aprendizagem de línguas-literaturas-linguagens em chave crítica. Por exemplo, aprendermos a realizar a “leitura perversa do mundo” (Aguiar, 2023) para promover uma formação professores(as) na perspectiva dos ensinos solidários e das aprendizagens transgressivas.

Aprendermos a potencializar a força crítica de cada proposta didática, crítica e referenciada aduzida, criada e ressignificada nos artigos que se colocam aqui como lugares de diálogo e fomento do debate. Mais ainda, aprendermos, seguindo os princípios freireanos, que o ensino-aprendizagem envolve o processo de emancipação política, de ação transformadora da realidade e, por meio da educação problematizadora, desenvolve-se a consciência crítica da realidade vivida. Aprendermos com Oliveira e Lessa (2022, p. 34) que as linguagens e, para nós línguas-literaturas-linguagens, movimentam reflexões sobre o sujeito vivo que entrelaça o “eu e o outro em diálogos que possibilitam metamorfoses em favor da vida, da educação linguística crítica (decolonial) como prática de liberdade de corpos, de ideias, de vivências de um mundo” para compreender, pelas ecologias de saberes, a sociedade da qual fazemos parte.

No caminho epistemológico transgressivo e solidário, Queiroz *et al* (2022, p. 110) nos atentam sobre a necessidade de tornarmos as aulas como espaços de ensino-aprendizagem que reconhecem, institucionalizam e promovem a curricularização da diversidade e diferença das línguas e literaturas. Que se problematize, reorganize e reavalie o processo educacional, valorizando as práticas das linguagens dos diversos sujeitos envolvidos nas atividades humanas, isto é, “que (re) embaralham e vivenciam as linguagens dentro e fora das escolas e universidades”. Em consonância, Righi (2022) argumenta que, ao desenvolvermos nossas aulas voltadas para a compreensão da justiça racial e de gênero, por exemplo, os(as) alunos(as) adquirem a consciência crítica e passam a entender como funcionam as relações de poder entre distintos países ao longo da história e, esse despertar da consciência crítica pode levá-los a se aventurar ao devir místico (Lomeli, 2022) como meio de decolonizar a educação.

Como organizadores dos próximos dois volumes temáticos da *The ESpecialist*, sentimo-nos compelidos a não apenas ler cada gesto da palavra imersa na arena da tela, mas também costurar os fios da intersecção propostos pelas reflexões dos(as) autores deste volume.

Portanto, convidamos os(as) leitores(as) para ler, traduzir, ampliar, questionar e afinar o olhar sobre as **ecologias da esperança**, por meio das **transgressões, travessias e transformações** propostas pelos autores(as) que participaram do *I Congresso Internacional do ELLAE - Ensinos transgressivos, aprendizagens solidárias - por uma ecologia de línguas-literaturas-e-linguagens*, os quais, agora, expõem seus pontos de vista desde esses escritos de intervenção e diálogos transgressivos na *The ESpecialist*.

Desejamos, enfim, leitores(as) muitas transgressões, travessias e transformações nas práxis de vocês como professores(as), pesquisadores(a)s das ecologias da esperança da-na sala de aula da escola ou universidade.....!

Organizadores:

Grassinete C. de A. OLIVEIRA (Ufac)

André Effgen de AGUIAR (Ifes)

Amilton José Freire de QUEIROZ (Ufac/Cap)

Fernanda RIGHI (Roger Williams University/Bristol, Rhode Island/USA)

Jafte Dilean Robles LOMELI (Universidad de Sonora, México)

Referências

AGUIAR, A. E. de. **Aprendendo a leitura perversa do mundo**: a formação com professores na perspectiva do letramento crítico. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na Era da Globalização. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

LOMELÍ, J. D. R. Devenires místicos en la educación: hacia la descolonización del método. (Org.) Oliveira, G. C. A. **Decolonialidade**: pontos e contrapontos na educação linguística crítica. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p. 75-56.

OLIVEIRA, G. C. A.; LESSA, A. B. C. T. Em favor da educação linguística crítica decolonial: perspectivas em um curso de pós-graduação em linguística. (Org.) Oliveira, G. C. A. **Decolonialidade**: pontos e contrapontos na educação linguística crítica. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p. 33-56.

QUEIROZ, A.; MACIEL, E.; LIMA, S.; MESQUITA, R. Escrivências e etnografias do ensino: os multiletramentos afro-brasileiros de Conceição Evaristo. (Org.) Oliveira, G. C. A. **Decolonialidade**: pontos e contrapontos na educação linguística crítica. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p. 109-130.

RIGHI, F. Do Brasil para os Estados Unidos: a democracia racial na aula de estudos latino-americanos. (Org.) Oliveira, G. C. A. **Decolonialidade**: pontos e contrapontos na educação linguística crítica. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p. 33-56.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, 30 (6), 2007, pp. 1024-1054.

Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); Grupo de Pesquisa ELLAE. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2765-8705>; E-MAIL: grassinete.albuquerque@ufac.br

Instituto Federal do Espírito Santo (campus Vitória), Vitória, ES, Brasil. Coordenação de Códigos e Linguagens (CoLin). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8710-5363>; EMAIL: aeffgen@gmail.com

Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Colégio de Aplicação (CAp), Grupo de Pesquisa ELLAE. <http://orcid.org/0000-0001-8892-5435>; E-MAIL: amilton.queiroz@ufac.br

Roger Williams University/Bristol, Rhode Island/USA. frighi@rwu.edu - Orcid <https://orcid.org/0009-0009-0222-0561>

Universidade de Sonora, México. Email: dilean.robles@unison.mx; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5327-8493>.